

REVISITANDO TEMAS, ABORDAGENS E CATEGORIAS HISTORIOGRÁFICAS

GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. Trad. Rosa Freire d’Aguilar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Prefaciando a obra *Apologia da história*, de Bloch,¹ Le Goff lembra aos pesquisadores a necessidade de se fazer a boa história para ensiná-la, fazê-la ser amada e não se esquecer de que, ao lado de suas necessárias austeridades, a história tem seus gozos estéticos próprios. Embora o autor de *O pensamento mestiço* diste mais de cinqüenta anos da obra de Bloch, firme algumas reticências aos fundadores dos *Annales* e apresente severas críticas ao europocentrismo acadêmico, a sintonia quanto à função da história, a concepção sobre o tempo presente, a erudição, o zelo e trato pelas fontes e o ruminar dos conceitos em torno do tema analisado tornam ambos os historiadores muito próximos. Quer dizer, ao lado do necessário rigor ligado à erudição e à investigação dos mecanismos históricos, existe a volúpia de apreender coisas sin-

gulares, exigências caras a Bloch e Gruzinski.

A preocupação com a finalidade da escrita da história é também muito bem-vinda hoje: evitem retirar da ciência sua parte de poesia. Esse apelo de Bloch parece ser pertinente aos acadêmicos de graduação e pós-graduação, aos pesquisadores enfim, quanto ao cuidado para que a ditadura das notas de rodapé e o localismo temático não embruteçam a história e, conseqüentemente, a tornem odiada, repugnante e supérflua. A ligação com o presente possivelmente a tiraria do malogro de ser ciência do passado. Mero capricho para torná-la midiática e vendável? Não, para atender a uma finalidade heurística, possivelmente diria Gruzinski, porque a volta ao passado é apenas um modo de falar sobre o presente, pois o estudo das mestiçagens de ontem

¹ Jacques Le Goff, “Prefácio”, in Marc Bloch, *Apologia da história ou ofício de historiador* (Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001).

levanta uma série de indagações que permanecem atuais (p. 19).

Gruzinski é historiador francês, atua como diretor de pesquisa do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) e diretor de estudos na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). Suas últimas publicações têm permitido considerá-lo como um dos melhores e maiores americanistas internacionalmente reconhecidos.² Sua obra é resultado da vivência e pesquisa por mais de sete anos no México. Conviveu não apenas com os arquivos, mas também com os mexicanos, a fim de conhecer, não a alma, mas a riqueza cultural produzida pela mestiçagem das tradições indígenas e européias. Esta produção acadêmica numa perspectiva interdisciplinar, entre outras já publicadas, versa sobre o sincretismo religioso, a história da Igreja e da família, sobre as escrituras e as imagens nas culturas ibérica e indígena. Lançada primeiramente na França (1999) e traduzida para o português dois anos mais tarde, a referida obra trata do processo da Conquista espanhola empreendida na Nova Espanha a partir do século XVI. A grande novidade ao destacar esse tema é a abordagem adotada pelo autor. Possivelmente tenha se notabilizado pela

diversidade das fontes — filmes, cartas, coletâneas de trechos poéticos de ibéricos, de nativos e de mestiços, pinturas/esculturas em murais da igreja de Ixmiquilpan e da casa Del Deán em Puebla, mapas como o da cidade de Cholula e o códice de Bernardino de Sahagún etc. — e, sobretudo, pela leitura inovadora e pelas teses provocativas defendidas. Ao longo do livro, o autor provoca um verdadeiro desmonte na produção acadêmica européia, assinalando sua estreiteza de horizontes e equívocos metodológicos, assim como o isolamento das ciências, o enrijecimento teórico, a linearidade e/ou o tempo evolutivo — embora utilize fartamente o termo evolutivo no transcorrer do livro, podendo ser interpretado pelo viés do ranço positivista (p. 87, 193, 214, 297) —, o tratamento da história como bloco homogêneo, a utilização exagerada de categorias a-históricas e intemporais, o uso abusivo de clichês exóticos e preconceituosos, a busca da verdade e o conseqüente enquadramento maniqueísta que obscurece a visibilidade de interpretações discursivas.

Acompanhemos o autor. Embora não seja este o propósito explícito, a obra é um tratado teórico-metodológico.

² Mary del Priore, “O primeiro choque de culturas da América: historiador francês mostra como a Europa foi digerida”, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13/03/2004. Disponível também em: <<http://www.jb.com.br/jb/papel/cadernos/ideias/2004/03/12/joride20040312006.html>>, acessado em 06/08/2004.

Tece ácidas críticas ao europocentrismo e etnocentrismo da história pela pouca curiosidade pelo passado e pela historiografia que excede as fronteiras da Europa ocidental e às vezes as fronteiras da sua própria nação. Não é, portanto, o silêncio dos arquivos ou a ausência de fontes que explica, até data recente, as lacunas ou falhas das pesquisas, mas uma tendência a esquecer a história de certas regiões do globo, ou a lhe conferir apenas uma parcela desprezível no destino dessas regiões. Ocultando a história, reverbera o autor, somos privados de uma profundidade essencial e ignoramos os efeitos da colonização ocidental em todas essas paragens e, por conseguinte, as reações que aí se desencadearam (p. 35).

Gruzinski reivindica que as fontes de um modo geral e os afrescos por ele analisados requerem uma maior atenção por parte dos pesquisadores. É fundamental que as ciências sociais comecem a fornecer pistas e luzes sobre o material empírico. Uma antropologia livre, enfim, de seu fascínio pelos povos selvagens e uma sociologia sensibilizada pela mistura dos modos de vida e imaginários (p. 44). É o debruçar-se sobre as fontes, a fim de que todas as ciências

cruzem seus métodos e técnicas, porque o nomadismo delas não conseguirá trabalhar a contento a temática da mestiçagem.

A latente vinculação do autor às discussões historiográficas produzidas pela história cultural saúda as inovações introduzidas desde a década de 1980 pelos estudos culturais e pós-coloniais, em que o Outro não é visto mais numa relação de exclusão, porém como parte relacional do Eu. O papel do historiador pode ser o de exumar as ligações históricas ou o de explorar as *connected histories*. Ou, por outro viés, utilizando o método comparativo, busca encontrar sob as diferenças cultivadas pelas tradições locais e visões de inspirações antropológicas, continuidades, conexões ou simples passagens. Longe das visões dualistas — micro/macro, local/global, pequeno/grande — e maniqueístas — Ocidente/Outro, civilizado/selvagem, bom/mau, certo/errado —, deve o historiador estabelecer relações convertendo-se numa espécie de electricista encarregado de restabelecer as ligações internacionais e intercontinentais que as historiografias nacionais e as histórias culturais desligaram ou esconderam, entaipando as suas respectivas fronteiras.³

³ Serge Gruzinski, "O historiador, o macaco e a centaura: a 'história cultural' no novo milênio", *Revista Estudos Avançados*, vol. 17, n° 49 (2003), pp. 321-342.

Metodologicamente, assegura o autor, optou-se por estudar não somente o “olhar europeu” sobre o resto do mundo ou as “representações do Outro”, como por considerar os olhares e representações cruzadas.

Desta exigência o autor não se descuida. Dotado de conhecimentos que passam pela literatura, humanidade renascentista, filosofia ou cultura greco-romana e mitos gregos, Gruzinski faz uma verdadeira mundialização intelectual pelo Brasil, México, Espanha, Portugal, China e Grécia, a fim de estabelecer conexões que caracterizam o *modus vivendi* das populações. Esses périplos intelectuais percorrem um objetivo bem preciso, a saber, entender as mestiçagens dos mexicanos no período da Conquista.

Mestiçagem. Essa palavra pode ecoar nos ouvidos de uma forma estranha. Diferentemente da hibridação, que é entendida como um processo lento pelo qual passou a Europa ao longo de quatro séculos com a assimilação endógena de elementos culturais e políticos de uma mesma civilização, a mestiçagem teria sido mais agressiva porque exógena e, sobretudo, marcada pela improvisação. Gruzinski é taxativo ao afirmar que a capacidade dos invasores, combinada com a ausência absoluta de

know-how colonial, provocou o irreparável: a febre do ouro, a imperícia, o desperdício. Os objetivos a curto prazo, misturados com boa dose de indiferença e desprezo, precipitaram a exploração desenfreada da mão-de-obra indígena. Seguiu-se um genocídio sem premeditação (p. 79), e a mestiçagem biológica e cultural foi a consequência inevitável da formação desses que não fazem parte da “república dos índios” nem da “república dos espanhóis”. São os mestiços que, no Brasil, Darci Ribeiro chamou de “elementos performativos da ninguendade”. Não são lusos. Não são índios. São mulatos!

Como pensar essa realidade a partir das ciências sociais? Categorias como identidade e cultura dão conta dessa problemática? Descartando como conceitos homogêneos e totalizadores e ciente dos embaraços polissêmicos que a palavra *mestiço* assumiu historicamente — podendo ser sinônimo de mistura, rejeição, confusão, impureza, contaminação etc. — e dos hábitos intelectuais que preferiram conjuntos monolíticos aos espaços intermediários, dos blocos sólidos aos interstícios sem nome (p. 48) e, sobretudo, as determinações do famigerado determinismo biológico sobre as demandas sociais,⁴ o autor

⁴ Lílían Schwarcz e Renato da Silva Queiroz (orgs.), *Raça e diversidade*, São Paulo, Edusp/Estação Ciência, 1996.

propõe-se a compreender que toda cultura é marcada, na carne e no pensamento, pela miscigenação de comportamentos, de crenças, de imaginários, de idéias e que, portanto, não é um fenômeno exótico próprio da América Latina, da Ásia ou da África. É um processo generalizado que sempre esteve ligado ao fazer-se do homem, mas que foi acentuado acima de tudo com a ocidentalização do século XVI.

Ao apresentar a noção de ocidentalização, o autor entende como um conjunto de meios de dominação introduzidos na América pela Europa do Renascimento na esteira da religião católica, dos mecanismos do mercado, da utilização do canhão, do livro ou da imagem como meios persuasivos. Assumiu formas diversas e às vezes até em franca rivalidade, já que foi a um tempo caracterizada pela intromissão material, política e religiosa mobilizando todas as gentes de estirpes diferentes. Ocidentalizar, por conseguinte, significou: mestiçagens biológicas, de línguas e crenças; mesclas de saberes e técnicas; sobreposição e imbricação das formas de trabalho.

Tendo como cenário estas transformações provocadas pela ocidentalização — é importante notar que por vezes o autor utiliza dois outros termos, a saber, globalização e mundialização, sem dar maiores detalhes sobre a implicação teórica e históri-

ca dos mesmos e ficando o questionamento: teria propositadamente utilizado um conceito de forma tácita? Não merecem maior atenção uma vez que são também conceitos polissêmicos e ligados diretamente a problemática da Conquista? —, Gruzinski acentua o papel desempenhado pela Igreja Católica como elemento aculturador e aculturado. Em torno da Monarquia católica — entende-se aqui poder do Estado em união com a Igreja Católica —, as interferências planetárias não se limitam somente ao viés político e econômico, como as vinculações religiosas, literárias e culturais.

Entretanto, longe de preocupar-se com as dicotomias das influências — embora o autor utilize em um dado momento a palavra “derrotados” (p. 100), podendo ser entendida dentro da unilateralidade histórica, e a expressão “para o bem e para o mal” (p. 109), podendo conotar uma valoração —, o autor percorre, nos instrumentos musicais — “sou um tupi tangendo um alaúde” —, nos cantares — a melodia e o canto nativo —, nas pinturas de murais das igrejas — como a de Ixmiquilpan — e nos afrescos — como o contido em Puebla, com a figura do macaco e da centaura Ocyrhoe —, os elementos que assinalam a formação de um pensamento mestiço: nem ibérico, nem nativo, mas a confluência formativa de um *modus vivendi*. Dessa forma,

a política de substituição não resultou num efeito de tábua rasa, muito pelo contrário. Nem todo o antigo foi substituído e, em geral, o que dele resta se mistura ao que a Igreja conseguiu impor, ao que os índios quiseram conservar, ao que foram capazes de assimilar ou ao que não tiveram força para rejeitar (p. 294). Para finalizar a longa discussão em torno da mestiçagem, Gruzinski propõe-se a entender certas questões contemporâneas como a *Word Culture* e a influência cada vez maior do capitalismo, que, mediante a indústria cinematográfica e as mídias hodiernas, utilizam-se da

mestiçagem com finalidades comerciais. Ao analisar um dos filmes de Wong Kar-Wai, *Happy Together*, o autor expõe a força das mestiçagens num mundo em que imperam os fluxos de informação e o poder do capitalismo mundial.

O desafio da leitura do livro de Gruzinski pode trazer ao leitor uma dupla sensação. Por um lado, o asco pela formação dicotômica em torno das figuras do bom/mau civilizado e bom/mau selvagem e, por outro, a provocação de que a leitura pode ser o chamariz para a (in)formação ilustrada.

“Sou um tupi tangendo um alaúde...”
(Mário de Andrade).

*Frank Antonio Mezzomo**

* Aluno do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Atua como docente junto às instituições de ensino superior Universidade Paranaense e Centro de Ensino Superior de Realeza.